

# DO PRIVADO AO PÚBLICO – UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO CULTURAL DA CHÁCARA DA HERA

Daniele de Sá Alves  
PPGARTES-UERJ/FAPERJ  
danieledesaalves@gmail.com

**Resumo:** O desafio deste trabalho é desenvolver uma reflexão sobre o processo de significação cultural da Chácara da Hera, elemento integrante do Museu Casa da Hera situado na região sul fluminense do Rio de Janeiro. O local é uma grande referência sobre o modo de vida de uma família do século XIX enquanto espaço domiciliar privado e, após sua abertura ao público, se consolidou como um ícone cultural da cidade de Vassouras. Dessa forma pretende-se traçar uma análise de sua trajetória percebendo elementos que fortaleceram sua significação como patrimônio público.

**Palavras-chave:** Significação cultural. Patrimônio. Chácara da Hera.

**Abstract:** The challenge of this paper is to develop a reflection about the cultural significance process of the Chácara da Hera, an integrant element of the Museu Casa da Hera situated in the south region of the state of Rio de Janeiro. The place is a great reference on the way of life of a family of the nineteenth century as a private home space, after its opening for the public visitation, has established itself as a cultural icon of the Vassouras'town. Thus it is intended to trace an analysis of its trajectory realizing elements that strengthened its significance as public property.

**Keywords:** Cultural significance. Heritage. Chácara da Hera.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo pensar sobre o processo de transformação e significação cultural da Chácara dos Teixeira Leite, em Vassouras, no estado do Rio de Janeiro, sede do Museu Casa da Hera (IBRAM/MinC). O mencionado museu-casa é uma referência sobre o modo de vida de uma família abastada que viveu o período do auge do cultivo cafeeiro no Vale do Paraíba – os Teixeira Leite. Neste espaço domiciliar urbano encontramos uma chácara e no alto da sua colina, toda vestida de hera, uma ampla casa térrea. Uma casa com área verde em seu entorno, a chácara – daí relacionamos dois bens materialmente diferentes, mas que suscitam, na sua relação, os saberes e fazeres oriundos das relações sociais construídas ao longo do tempo.

Pretende-se retomar os caminhos percorridos pelo território da chácara enquanto quintal privado da residência desta importante família do século XIX, até o

momento atual, quando se apresenta como um espaço público mantenedor de uma relevante referência social, histórica e cultural para a região onde está localizado.

Popularmente conhecida como Chácara da Hera, temos sua descrição no testamento da caçula da família, Eufrásia Teixeira Leite : “terras em grande parte cultivadas de árvores frutíferas”, a partir daí passamos a refletir sobre as múltiplas formas que essas terras podem ser analisadas, de acordo com cada tempo vivido, desde quando a propriedade pertenceu à família Teixeira Leite.

Pensamos a Chácara, em um primeiro momento, como o quintal de uma típica casa familiar privada oitocentista - os pais Dr. Joaquim e Dona Ana Esméria e as filhas Francisca e Eufrásia. Temos então sua utilização basicamente com práticas cotidianas, brincadeiras de crianças, colheita de frutas do pomar, serviço de escravos, movimentos de carroças, animais, entre tantos outros. Em um segundo momento, a Chácara, depois da morte dos pais, passou a ser propriedade das duas irmãs, Francisca e Eufrásia, as quais, apesar de proprietárias, não eram efetivamente moradoras - foram morar na Europa após ficarem órfãs. Apesar da distância, não faltou zelo e atenção das herdeiras, por meio das cartas escritas, um monitoramento via “correio”, é possível perceber todo um cuidado em prol de conservar as mesmas condições de um tempo e lugar vivenciados no passado (ALVES, 2014).

Com a morte da irmã mais velha - Francisca, há em seu testamento um desejo de beneficência em relação aos bens, mas que é reivindicado pela caçula, que alega ser sua descendente direta. De toda forma, após 31 anos de cuidados entre idas e vindas, Eufrásia escreve seu próprio testamento, respeitando o primeiro desejo de beneficência da irmã, quando, aí sim, não existiam descendentes ou ascendentes diretos (Testamento de Eufrásia Teixeira Leite, 1930). Por meio desse movimento de apego e desapego, havia o desejo mútuo de que a antiga casa dos pais não se perdesse, nos escritos é possível identificar um cuidado minucioso para que as árvores continuassem a dar os frutos de suas infâncias, de que o chá continuasse a ser colhido daquela mesma terra, de que cada objeto continuasse no lugar em que os pais teriam ordenado.

Com tantos elementos, podemos levantar questões sobre a intenção dessas filhas, sobre seus “propósitos preservacionistas”, as quais, ao exigirem a manutenção de uma situação do passado, atribuem um valor afetivo a toda a materialidade da propriedade. Isso demonstra como as relações de afetividade

produziram o sentido que justifica a preservação daquele que se tornara um patrimônio material, guardando questões absolutamente imateriais e, por isso, muito relevantes neste processo. O patrimônio se completa justamente na salvaguarda não só da edificação, dos jardins ou dos objetos, mas também da própria relação estabelecida entre eles, os acontecimentos e as pessoas de determinada época.

Uma possível interpretação é que, quando Eufrásia escreve negando a modernização da estrutura da casa, dizendo “não se mexa na casa dos meus pais” (GONÇALVES, 1995, p. 11), ela resguarda também a urbanização da casa, impedindo que o passar do tempo transforme essa relação fundamentada na subjetividade. A tentativa de “reter o tempo” é também guardar a característica inicial de um local situado entre o rural e o urbano, ou, como Aragão (2008, p. 2) define, semiurbano. A mudança dessa característica poderia alterar a essência das relações e, conseqüentemente, dos sentidos.

Assim, após a morte de sua última proprietária, em 1930, conforme registrado em testamento e após decisão judicial, todo o conjunto residencial é herdado pelas Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Passados alguns anos de administração do espaço e utilização de parte dele com o internato da irmandade, em 1965 sua administração é repassada ao Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – DPHAN, por um convênio de caráter permanente. O referido órgão governamental, antes mesmo de ter assumido a guarda da casa, dos objetos e da área de 25 mil m<sup>2</sup> do seu entorno, já havia reconhecido a importância histórica e cultural do conjunto e realizado seu tombamento, no ano de 1952, objetivando sua preservação e o cumprimento do testamento da Eufrásia para a posteridade.

Sobre o processo do tombamento e, com base nas pesquisas realizadas no arquivo administrativo do Museu Casa da Hera, cabe esmiuçar alguns detalhes que agregam ainda mais importância a tal procedimento. Como exemplo, citamos o documento de solicitação de inscrição da propriedade Casa da Hera no livro de tombamento do, então, DPHAN -21 de maio de 1952 – Processo nº 459 – T – 52. O pedido foi realizado pela instituição herdeira do conjunto residencial, o Instituto de Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, e encaminhado às instâncias superiores do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pelo funcionário público e poeta Sr. Carlos Drummond de Andrade, então chefe da Seção de História do referido departamento. Um quesito importante do tombamento e para a

configuração de toda sua área como espaço de relações é que não somente a casa e/ou objetos foram tombados, mas todo o conjunto, incluindo a sua área verde.

O despacho assinado por Drummond encaminhando a Casa da Hera ao tombamento conta com o seguinte conteúdo:

A provincial das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus solicita à DPHAN o tombamento da Casa da Hera, situada em Vassouras, e legada a essa instituição, em testamento, por d. Eufrásia Teixeira Leite.

O pedido se reveste das condições legais exigidas e está em condições do merecer deferimento, dado o interesse que há em conservar-se a bela mansão do século XIX, com tudo o que encerra de valioso ou do característico, em matéria de mobiliário, alfaias, peças de indumentária da época imperial, etc.

Assim, quer se tenha em vista a significação do imóvel, sob o ponto de vista da história da nossa arquitetura, **quer se aprecie o conjunto residencial em suas ligações com a história social com a província fluminense**, cabe a inscrição da Casa da Hera no Livro de Tombo Histórico.

À consideração superior.

Em 20-V-1952.

Carlos Drummond de Andrade  
Chefe da Seção de História  
(Solicitação de Tombamento da Casa da Hera. Documento administrativo. DPHAN. Acervo Museu Casa da Hera. Grifo nosso).

Considerando as razões assinaladas no documento de tombamento, verificamos a presença do entendimento sobre a relevância do contexto no qual o local a ser tombado está inserido, o que corrobora para sua compreensão como um espaço relacional.



15

D.P.H.A.N.  
D.E.T.  
Seção de História

Tombamento da Casa da Hora,  
em Vassouras

I - 8

A Provincial das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus solicita à DPHAN o tombamento da Casa da Hora, situada em Vassouras, e legada a essa instituição, em testamento, por d. Rufáela Teixeira Leite.

O pedido se reveste das condições legais exigidas e está em condições de merecer deferimento, dado o interesse que há em conservar-se a bela mansão do século XIX, com tudo o que encerra de valioso ou de característico, em matéria de mobiliário, alfaias, peças de indumentária da época imperial, etc.

Assim, quer se tenha em vista a significação do imóvel sob o ponto de vista da história da nossa arquitetura, quer se aprecie o conjunto residencial em suas ligações com a história social da província fluminense, cabe a inscrição da Casa da Hora no Livro do Tombo Histórico.

A consideração superior.

Em 20-V-1952.

Carlos Drummond de Andrade  
Chefe da Seção de História

Uma vez que a Casa da Hora já tenha sido inventariada para tombamento de acordo com os autos e à vista da informação de S. H., inscreva-se, de ofício, no Livro do Tombo Histórico. Comunique-se oportunamente à Provincial das Missionárias, e à Superioridade do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 21.5.1952

André de Oliveira  
Diretor

Tombo de nº 292, a fl. 49  
do Livro do Tombo nº 2, nesta  
data.

21.6.1952

Carlos Drummond de Andrade  
Chefe da Seção

Pedido de tombamento por Carlos Drummond de Andrade, em 20 de maio de 1952.  
Fonte: Arquivo MCH.

Ao refletir sobre cada elemento de todo esse processo, percebemos a crescente significação cultural deste espaço, que perde seu uso doméstico e passa à testemunha histórica. Desde então é possível encontrar na paisagem da Casa da Hera os contornos e texturas de transformações sociais e culturais do decorrer de dois séculos.

Conforme já exposto, o conjunto residencial é tombado em 1952 e, no ano de 1965, a administração do espaço é passada para o DPHAN. Contudo, três anos mais tarde, um passo maior é dado na empreitada de preservação da residência dos Teixeira Leite: em 1968, a casa do Dr. Joaquim e sua família é aberta à visitação pública. Neste momento podemos dizer que uma nova dicotomia surge na interpretação desse local: inicialmente um espaço doméstico, familiar, privado, que, a partir de então, se torna um local público.

Considerando todas as exigências presentes no Testamento de Eufrásia – conservar tudo o que existir na casa, não habitar ou não permitir que habitem ou a ocupem, não utilizar e nem permitir que utilizem a casa, entre outras amarras descritas no decorrer documento –, há de se concluir que não sobraram muitas alternativas para sua gestão. Ainda assim, Telles (1968) reitera a presença de uma vocação de “verdadeiro museu” que a preservação da residência da família Teixeira Leite guarda. Isso a partir do empenho de sua última proprietária para que o espaço fosse mantido praticamente intacto ao longo do tempo em que assumiu sua responsabilidade e, depois, no propósito presente em todas as condições impostas por Eufrásia em seu testamento, quando já não mais poderia fazê-lo pessoalmente. Assim, nas palavras do próprio Silva Telles (1968):

Nesta casa, é impressionante e agradável o contraste existente nas três salas nobres, entre a grande simplicidade e mesmo rusticidade dos elementos construtivos – soalho, fôrro, esquadrias – e o aprimoramento, o requinte, e o luxo, dos riquíssimos mobiliários de jacarandá – sofás, poltronas, cadeiras, mesas de centro, consolos – dos enormes espelhos e dos retratos à óleo com moldura dourada, dos maravilhosos lustres em "over-lay", das cortinas adamascadas suspensas em guarnições douradas, dos candelabros de bronze dourado com mangas de cristal, elementos ainda mais valorizados pela unidade e vibração criadas pelos desenhos repetidos dos papéis adamascados, que revestem as paredes e do tapête que recobre o chão. **Este conjunto social**, assim como **tôda a Casa da Hera** conserva-se, por **verdadeiro milagre**, inteiramente autêntico, sendo mesmo, **no seu todo**, – **edificação e ambiente** – um dos monumentos residenciais mais bem conservados do século XIX. Constitui-se por essas razões, **um verdadeiro museu**, que precisa

ser conservado, com um espécime original, e representativo das edificações residenciais urbanas do ciclo do café (TELLES, 1968, p. 76-77, grifo nosso).

O parágrafo supracitado muito fala sobre o ponto de vista defendido na presente pesquisa, ao considerar “toda a Casa da Hera” – edificação, objetos e ambiente – como um “conjunto social”. Podemos perceber a valorização do espaço a partir de uma visão integral, ou seja, o espaço que faz sentido a partir das relações que estabelece com as pessoas que ali viveram, trabalharam e fizeram negócios em um determinado tempo, em relação às pessoas que realizaram a manutenção daquele espaço quando já não existiam moradores ali e, da mesma forma, em relação às pessoas, que num tempo posterior – até os dias de hoje – visitam/frequentam aquele mesmo espaço em busca da apreensão sobre o modo de vida daqueles que o precederam.

Mais um ponto grifado na fala de Telles é o trecho em que o autor justifica a preservação do citado “conjunto social” como “quase um milagre”. Apesar do termo utilizado, bem sabemos que a figura responsável pelo tal “milagre” é mesmo Eufrásia Teixeira Leite. Ainda assim, não por acaso, percebemos claramente a intenção da preservação do conjunto residencial. Naquela ambiência, a filha caçula atribuía os valores afetivos familiares e, por eles, empenhava-se no “não esquecimento” do tempo vivido.

Outra questão interessante é o uso do termo “ambiente”. A partir dele, verificamos, mais uma vez, o valor das relações de sentido qualificando o espaço. Eufrásia explicita e descreve em seu testamento cada elemento presente em sua doação, desde as árvores frutíferas, cada objeto – incluindo sua localização em cada cômodo, e a própria edificação em si. Com isso compreendemos que nenhum dos elementos fora de seu contexto faria tanto sentido e possuiria tanto valor quanto se inseridos em seu ambiente de origem, ou seja, em seu conjunto social original.

Uma importante referência estética da residência dos Teixeira Leite é sua edificação revestida de hera. Como grande patrimônio simbólico do local, podemos dizer que esta característica se sobrepôs mesmo à grande relevância dos donos da casa, segundo Gonçalves (1995), a hera foi plantada em 1887 pelo Sr. Manoel, então responsável pela manutenção da casa, quando as irmãs já estavam em terras europeias.

Apesar disso, o nome não isenta a importância dos seus proprietários, nem mesmo do local enquanto testemunho de uma típica residência dos oitocentos. O museu-casa ou a casa-museu

deverá refletir a vivência de determinada pessoa que, de alguma forma, se distinguiu dos seus contemporâneos, devendo este espaço preservar, o mais fielmente possível, a forma original da casa, os objectos e o ambiente em que o patrono viveu (PINA, 2001, p. 4 apud PONTE, 2007, p. 5).

A definição acima reitera a importância da preservação também da ambiência para a garantia do sentido e objetivo do museu-casa. Dessa forma, percebemos a Chácara como relevante elemento na construção da significação cultural do Museu Casa da Hera, sendo o espaço que envolve e resguarda a edificação e cria a ambientação necessária para guardar este patrimônio.

#### **Referências :**

ALVES, Daniele de Sá. **Um passeio pela Chácara da Hera**: do quintal da família Teixeira Leite ao jardim do museu como espaço museológico relacional. Rio de Janeiro: PPGPMUS - UNIRIO/MAST, 2014.

ARAGÃO, Solange de. A casa, o jardim e a rua no Brasil do Século XIX. **Em tempo de histórias**, n. 12, Brasília, 2008. Disponível em: <file:///D:/FOCO%20JAN%20FEV%202014/Solange%20Arag%C3%A3o%20-%20a%20casa%20a%20rua%20e%20o%20jardim.pdf>. Acesso: 6 jan. 2014.

GONÇALVES, Ely. **Guia do Museu Casa da Hera**. Vassouras, RJ: IPHAN, 1995.

INVENTÁRIO de Eufrásia Teixeira Leite. Centro de Documentação Histórica (CDH). Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras, RJ, Brasil.

PONTE, Antonio. **Casas Museu em Portugal**: teorias e práticas. 2007. Dissertação (Mestrado em Museologia)–Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007. Disponível em: <<http://antoniofonte.wordpress.com/tese/cap1-casas-museu-definicao-conceitos-e-tip/>>. Acesso em: 16 out. 2013.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. Vassouras: estudo da construção residencial urbana. Separata de: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 16, 1968.